



**UM ESTUDO DO ENSINO DA INTERFACE ÉTNICO-RACIAL-CLASSES NA  
1 SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA/IFPB  
E DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE DO CENTRO DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES/ETSC/UFCG**

**Alessandra Samira Batista Feitosa<sup>1</sup>;  
Arley Taua Nazario Fernandes<sup>1</sup>;  
Camila Vitória Ribeiro Gonçalves<sup>1</sup>;  
Gabriel Seixas Xavier de Abreu<sup>1</sup>;  
Marcus Vinicius Santos Oliveira<sup>1</sup>**

**Luan Gomes dos Santos de Oliveira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Bolsistas Pibic EM 2020/2021. Email: [alessasbf@gmail.com](mailto:alessasbf@gmail.com); Email: [arleytauan2014@gmail.com](mailto:arleytauan2014@gmail.com); Email: [camilavitoriaw69@gmail.com](mailto:camilavitoriaw69@gmail.com); Email: [gabrielseixas6666@gmail.com](mailto:gabrielseixas6666@gmail.com); Email: [marcusgmc13@gmail.com](mailto:marcusgmc13@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Docente, Unidade Acadêmica de Direito, UFCG, Sousa, PB, e-mail: [luan.gomes@professor.ufcg.edu.br](mailto:luan.gomes@professor.ufcg.edu.br) Email: [luangomessantos@terra.com.br](mailto:luangomessantos@terra.com.br)

## RESUMO

A presente pesquisa tem como recorte o ensino de sociologia no ensino médio a partir de uma perspectiva de interseccionalidades entre as categorias de raça/etnia/classes/gênero num contexto crítico de combate ao racismo estrutural que perpassa a formação social da América Latina e do Brasil. Os lócus da pesquisa são o Ensino Médio da Escola Técnica de Saúde do Centro de Formação dos Professores da Universidade Federal de Campina Grande e o Ensino Médio do Instituto Federal da Paraíba no município de Cajazeiras, região do Alto Sertão da Paraíba. O método que orientará a perspectiva deste estudo é a teoria social crítica, tendo como autores e autoras representantes: Florestan Fernandes (2017), Clóvis Moura (2019), Kevin Anderson (2019), Silvio Almeida (2018), Sueli Carneiro (2016), Bell Hooks (2017), Jones Manoel (2019). Por meio de uma pesquisa qualitativa, se fez uso de questionário online, autoetnografias de discentes. Fazendo-se entender de forma mais ampla e crítica o processo de conscientização política, racial e social por meio do ensino de sociologia, permitindo ao discente ampliar a compreensão dos estudos étnico-raciais – classes -gênero, no território da cultura popular afrobrasileira.

**Palavras-Chave:** Estudos Étnico-raciais-classe-gênero. Ensino de sociologia. Educação multicultural. Educação como prática da liberdade.

## INTRODUÇÃO

*Sem exterminar o racismo, não se poderá superar nem a Covid-19 nem a crise climática.*

*Eliane Brum*

*Não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.*

*Angela Davis*

*Enfim, a luta racial tem de caminhar junto com a luta de classes. Separá-las, numa sociedade multirracial, é incorreto.*

*Florestan Fernandes*

Em junho de 2020 o mundo acompanhou um agravamento da pandemia Covid-19, um vírus letal que além de afetar a condição biológica da vida, afetou também outras dimensões da vida social, gerando uma visibilidade maior do sistema de crises. Tais crises, ou melhor policrises, rebatem diretamente sobre a vida das classes populares e principalmente da população negra. Diante de um contexto de agravamento das expressões da questão social (colapso dos serviços de saúde, aumento do desemprego, aumento da violência contra negros e negras, aumento da violência contra a mulher, ampliação da crise ecológica, e crise no sistema político brasileiro). Esses acontecimentos demandam da sociologia crítica uma atitude de pensar o mundo, e apontar estratégias de enfrentamento e de propostas para um mundo mais justo socialmente, igualitário e antirracista e anticapitalista.

Ainda em junho de 2020, uma notícia tomou conta dos espaços das ruas dos Estados Unidos repercutindo protestos em vários países do globo. O assassinato do negro George Floyd por parte de um policial apenas estadunidense, afrontava o seu direito básico de respirar e de viver, como um ser de dignidade humana. Tal fato de repercussão global e local, pôs a pauta contra o racismo estrutural no centro das crises em andamento.

Esta pesquisa foi impulsionada pela participação dos pesquisadores nas Comissões de Validação Étnico-Racial da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto Federal da Paraíba no município de Cajazeiras/PB. Cujo objetivo era escutar e verificar as autodeclarações dos e das estudantes no sistema de cotas raciais para ingresso no Sistema de Seleção Unificada (SISU) em 2020. Muitas experiências relatadas apontavam, externavam o sofrimento de muitos estudantes negros e negras causados pelo racismo estrutural. Como docentes de sociologia do Ensino Médio, observamos que há uma problemática que queremos pesquisar: **Como criar estratégias de ensino aprendizagem, práticas educativas que componham uma sala de sociologia capaz de incluir uma educação multicultural, tendo como base a interseccionalidade etnia/raça/classes/gênero?**

Para enfrentar e responder a essa pergunta supomos que o ensino das questões étnico-raciais-classes-gênero ainda é perpassado por diversos obstáculos que tem raízes históricas na formação social latino-americana e brasileira. O ensino de sociologia ainda é um dos antídotos para enfrentar as barbáries em curso na sociedade. Não se trata de compreender o ensino de sociologia como uma atividade doutrinária, como acusam governistas brasileiros, que a todo custo querem retirar a sociologia do currículo da educação básica, pública. Essa atitude mutila a construção

de um desenvolvimento econômico do país que seja incluyente, humano, e não utilitarista.

No Brasil assistiu-se a uma das grandes polêmicas envolvendo a problemática do ensino de sociologia e de filosofia nas escolas do ensino médio. Tal polêmica flexibilizava o ensino obrigatório e a inclusão dessas disciplinas no currículo da Educação. Além disso, esse acontecimento chamou a atenção de diversos segmentos de pesquisadores nas ciências humanas e sociais pelo fato de problematizar a utilidade da Sociologia para o mercado de trabalho, como apontou a nota de repúdio coletiva conduzida pela Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. Tal nota sublinhou as falas do antigo Ministro da Educação Abraham Weintraub, em que seu principal interesse é investir em formações que gerem lucro.

Essa visão mercantilista de educação subalterniza a ideia de formação integral do ser humano, tornando-o uma máquina, incapaz de exercitar o livre pensar com responsabilidade, criatividade e capacidade de se engajar politicamente nas lutas por um mundo melhor, mais justo e mais solidário. Para isso, caberia o compromisso dos educadores e dos educandos com uma ética universal do ser humano, da qual já mencionava em suas obras Paulo Freire, para ele “é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro” (FREIRE, 1996, p. 15).

O não enfrentamento ético-político e econômico do racismo estrutural teve como objetivo “atrasar para sempre o momento em que as questões sobre colonialismo e descolonização são tomadas como verdadeiramente fundamentais” (FANON, 2008, p. 99).

Sendo assim, neste projeto de pesquisa, problematiza-se de como o ensino de sociologia pode colaborar com uma formação integral, crítica e reflexiva discentes do Instituto Federal da Paraíba – IFPB, e da Escola Técnica de Saúde do Centro de Formação de Professores/CFP da Universidade Federal de Campina Grande, localizados no município de Cajazeiras, no Alto Sertão Paraibano? Em relação a essa questão metodológica, associam-se outras interrogações de ordem epistemológica, o ensino de sociologia mediando a compreensão das intersecções etnia-raça-classes-gênero pode cooperar com a reflexão crítica, com a imaginação sociológica, com uma leitura mais contextual de experiências vividas, saberes, histórias, memórias, em que se situam os sujeitos da pesquisa?

Como já foi sinalizado, a não obrigatoriedade do ensino de filosofia e de sociologia no Brasil é um fato histórico e social. No entanto, neste projeto optou-se metodologicamente a investigar o ensino de sociologia, pelo fato da implicação do proponente desta pesquisa que possui formação nas ciências sociais e no ensino de sociologia.

## **OBJETIVOS GERAIS**

Mapear, identificar as narrativas em torno do racismo estrutural numa perspectiva sociológica conduzida pela interface étnico-racial -classes num contexto de racismo estrutural no IFPB e na ETSC/CFP/UFCG em CajazeirasPB do Alto Sertão da Paraíba.

## 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar o perfil étnico-racial e de classes dos e das discentes o IFPB e da ETSC/CFP/UFCG em Cajazeiras/PB adotando o contexto do racismo estrutural;
2. Analisar as diversas concepções e experiências de racismo estrutural no contexto do Ensino Médio, orientado pela teoria crítica social.
3. Investigar os contributos de uma educação multicultural e decolonial na direção da educação em direitos humanos, da luta antirracista e da luta anticapitalista.

## METODOLOGIA E VIABILIDADE

Trata-se de pesquisa de caráter **qualitativo**, participativo baseada na sistematização e produção de conhecimentos a partir do diálogo com estudantes do Ensino Médio da Escola Técnica de Saúde – ETSC do Centro de Formação de Professores da UFCG e do Ensino Médio do Instituto Federal da Paraíba.

Em virtude da reforma das “políticas da evidência” imposta pela COVID-19, os métodos autoetnográficos ganharam legitimidade. No presente projeto, propôs-se explorar de forma agregadora com outros métodos as possibilidades da autoetnografia. De forma irremediavelmente ligada ao corpo e suas denúncias, a reflexão autoetnográfica se propõe um movimento de intenso diálogo e trânsito entre o que é subjetivo e o que é comunitário, sendo necessariamente plural, situada, encarnada (ESTEBAN, 2004) e aberta à compreensão interseccional dos próprios lugares de construção do conhecimento.

A estratégia de pesquisa consistiu em:

- Elaboração de um formulário autoetnográfico para o desenvolvimento de uma síntese com os discursos e o material teórico estudado;
- Organização das temáticas inseridas no questionário em categorias que acolham conceitos e abordagens comuns, de modo a facilitar a compreensão dos relatos e situar as direções teórico-conceituais adequadas com a questão no formulário.

A priori, o formulário contém 10 perguntas que são divididas em 5 categorias, que se chamam: Discriminação e Vivência; Educação Antirracista; Racismo Estrutural; Interseccionalidade; Superação do Racismo. Nelas serão agrupadas as perguntas que se encaixam com sua predisposição teórico-conceitual, consecutivamente acompanhada com a tradução do pesquisador, que tem como intuito analisar e sintetizar os conhecimentos ali abordados.

Com o propósito de salvaguardar a identidade dos entrevistados adotamos nomes fictícios aos mesmos, no entanto, os nomes escolhidos não fogem da temática e se colocam a lembrar nomes de vítimas do racismo, tais como: George Floyd, Miguel Otávio, João Pedro, Ágatha Félix e Marielle Franco. Paralelamente adotamos nomes de figuras históricas que foram protagonistas na luta contra o racismo, como: Luís Gama, Zumbi, Dandara, Tereza de Benguela e Carolina de Jesus.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta categoria se dá ênfase ao campo subjetivo que o racismo atua, percebendo-o no cotidiano, nas atitudes individuais que reproduzem a intencionalidade da estrutura racial.

### **DISCRIMINAÇÃO E VIVÊNCIA**

*Você já presenciou situações de racismo? Conte-nos episódios de racismo que você presenciou ou sofreu*

Dandara - Acredito que tanto pela consciência tardia da minha própria negritude quanto pelo fato de eu ter a pele mais clara, o racismo direcionado a mim sempre foi mais velado e eu acabei por não perceber. Mas cenas em que isso acontece com outras pessoas próximas a mim já aconteceram várias vezes, principalmente na internet. Comentários (infelizmente) "clássicos" sempre estão por aí, como por exemplo o que foi dito à mãe de uma amiga alguns anos atrás: que ela era negra demais para passar no exame de mestrado..

Marielle - Sim. Tenho uma prima passando pela transição capilar e ela sofre constantemente com comentários racistas e desmotivadores de pessoas próximas, normalmente comparando seu cabelo ao "bombril" ou coisas piores. Outro caso foi com "piadas" realmente sem graça comparando um amigo a um macaco.

Ágatha Félix - Sim, já sofri racismo desde de pequena. Me seguem em supermercado, já cuspiram no meu cabelo, já me excluíram, se afastam de mim pela minha cor, com medo que eu roube eles. Entre outras coisas.

*Como você enxerga a questão étnico-racial na sua vida pessoal e coletiva?*

João Pedro - Dentro do meu círculo social, deparo-me com uma considerável diversidade étnica. Interajo principalmente com negros e pardos, e infelizmente lido ou os vejo lidando com situações de racismo de vez em quando. Pelas minhas próprias vivências, é possível notar o racismo estrutural e o quanto ele afeta as situações sociais das pessoas ao meu redor. Percebe-se rapidamente, que a vida para essas pessoas é bem mais sofrida do que a vida de quem não nasce já com prejuízos e falta de oportunidades. Apesar de tudo, vejo uma grande resiliência e resistência nessas pessoas, uma luta marcada de suor, mas também de conquistas e vitórias.

Tereza de Benguela - Eu consigo fazer uma relação entre as minhas experiências e as experiências das pessoas que me rodeiam, porque boa parte da minha família é negra e já sofreu (e sofre) muito por isso. No meu caso, minha pele não é tão escura, mas já recebi comentários, no mínimo, desagradáveis por causa do meu cabelo crespo, o que é interessante nisso é que a maioria veio da minha própria família, isso só deixou mais claro o quanto o racismo é reproduzido, mesmo por pessoas que sentem isso na pele.

### **TRADUÇÃO DO PESQUISADOR**

É necessário, primeiramente, entender a formação social de uma sociedade, neste contexto, a formação social brasileira moldada pelo racismo, tornando-o comum. Já que, a massa da população negra nunca deixou de sofrer a exclusão, sendo sempre marginalizados. Desde o período de escravidão, passando pelo fim da escravatura e trazendo resquícios de genocídio, crueldade e injustiça. Tendo como princípio a desigualdade racial, para isso, basta observar os inúmeros exemplos ao longo da história e que percorrem até a contemporaneidade. Contornando o racismo de forma

estrutural. Como explica Silvio de Almeida (ALMEIDA, 2018, p. 27).

[...] O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias etc.

A coleta de respostas em relação a pergunta: “Você já presenciou situações de racismo? Conte-nos episódios de racismo que você presenciou ou sofreu.” Tendo como resultado observado, a maioria dos participantes com uma experiência, ou presenciado alguma situação de discriminação. O intuito dessa questão é mostrar a naturalização de algo que passa a se tornar comum na vida de um negro. Assim como inúmeras pessoas negras foram e são subestimados por estereótipos acerca da sua capacidade que entra em questionamento por sua cor de pele, por ser inserido em um grupo social inferiorizado e por essa condição dada ao longo do tempo, os seus privilégios são tirados, como: segurança, moradia digna, empregos bem remunerados e igualdade de tratamento, assim como vários outros. Dessa maneira, observamos uma formação social racista, tendo na sua construção, sujeitos que aceitam situações assim como algo natural. Logo, perpetua o racismo de uma forma sistêmica e enraizada, a ponto de tornar-se habitual e recorrente situações discriminatórias.

[...] Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro. Características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas (ALMEIDA, 2018, p. 60)

Para melhor análise das respostas do formulário, é preciso adentrar na questão do racismo no Brasil. De fato, o racismo explícito existe e por ser perceptível, mantém, mesmo que de forma mínima, uma certa repercussão, seja pela aplicação de leis antiracistas, por manifestações ou pela própria mídia. Porém, o racismo se perpetua em uma amplitude maior, trazendo não apenas o preconceito, mas uma série de desvantagens e a falta de privilégios, como mencionado anteriormente. Desse pensamento, surge um questionamento, é fácil ser negro em uma sociedade construída com a discriminação étnico racial enraizada em sua mente? A resposta é simples, não. Aceitar a sua identidade, a opressão, lidar com a depreciação em estereótipos e inúmeras desigualdades, não é fácil. Sendo essa identidade étnica racial discriminatória. Dessa maneira, torna-se mais fácil negar ou esconder sua própria origem. Como diz a própria Sueli Carneiro (PORTAL GELEDES, 2002).

Vem desde os tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano que todo negro de pele escura deveria perseguir diferentes mecanismos de

embranquecimento. Aqui, aprendemos a não saber o que somos e sobretudo o que devemos querer ser.

O resultado das respostas foi variado, porém, não houve entre as respostas uma visão negativa nessa conjuntura de ensino, já que a maioria afirma que esse tema é debatido dentro desse contexto. Isso não significa que essa temática está resolvida, pelo contrário, precisa ir muito além, sendo o ensino médio responsável por auxiliar a formação do pensamento crítico, é essencial trazer debates sobre essa temática, assim como, trazer em sala de aula, um pouco mais da cultura afro-brasileiras, resgatando a contribuição política, econômica e social do negro no país. Saindo daquela visão depreciativa do negro escravizado e sempre rebaixado ao longo da história. É necessário refletir sobre esse tema e desconstruir noções de hierarquia racial.

Na categoria de Educação Antirracista observa-se como a instituição escolar se comporta dentro da estrutura racial e da ordem, assim como refletir sobre seu dever de elevar a consciência da sociedade.

## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

*Qual a importância de um discurso inclusivo sobre letramento racial no contexto do Ensino Médio?*

Carolina de Jesus - Nós somos basicamente macacos ansiosos, e para deixar um primata irritado só é preciso tratá-lo com injustiça; mas se o primata vive numa caixa sem visão completa do mundo, tal injustiça passa despercebida. A forma do discurso deve ser inclusiva principalmente porque, caso isso não ocorra, tal ação não terá efeito. Para que as pessoas percebam que há algo errado, elas devem ser informadas e incluídas na problemática; só assim elas notarão seus erros, acertos e injustiças individuais e coletivas.

Ágatha Félix - Porque é um momento em que já existe uma maior maturidade e responsabilidade dos jovens, onde estes precisam entender a dimensão e sinais de prática do racismo para que haja uma reeducação que forme um cidadão de bem.

*É possível debater o tema do racismo em sala de aula? Se sim, como? Se não, por quê?*

Miguel Otávio - Não só possível, como é de extrema necessidade. Através da História, da Sociologia, da Biologia, da Ciência e da Filosofia como um todo, é possível estabelecer ligações diversas com o tema. Como o racismo se firmou e se desenvolveu, por que nos encontramos nesse estado crítico atual? É papel da História discutir. O que leva o ser humano a agir de tal maneira? Quais fatores sociais circundam a questão? O que é racismo e como ele influencia negativamente a vida das pessoas em sociedade? A Psicologia e a Sociologia podem explicar melhor? Segundo a Biologia, o ser humano é uma única raça, apesar das múltiplas etnias. Pela Literatura, se pode ver como as pessoas enxergavam os negros ao longo das épocas. Enfim, o que não falta é espaço nas aulas para discutir o tema. Tudo que envolve o racismo pode sim ser debatido e conhecido e questionado em salas de aula, justamente porque é algo ligado ao ser humano, tal qual o saber, e é preciso saber



sobre algo para combatê-lo e evitá-lo.

*Como você enxerga a questão étnico-racial no seu contexto de Ensino Médio?*

Dandara - Comparando com a minha experiência no ensino fundamental, no ensino médio, sinto que os alunos e os professores são bem mais abertos e dispostos a debater sobre essa questão, o que não quer dizer que não exista racismo nesse contexto, só a questão do debate que é mais presente e muito importante.

Tereza de Benguela - Eu gosto de como a maioria dos professores colocam em pauta as discussões raciais várias vezes durante cada bimestre, principalmente levando em conta que a maior parte da escola é visivelmente constituída por alunos brancos (mesmo com as cotas seletivas).

### **TRADUÇÃO DO PESQUISADOR**

A educação é uma ferramenta que garante a transmissão de conhecimento através de gerações e é usada tanto no contexto de favorecimento de grupos sociais dominantes quanto como aparato para a libertação dos oprimidos. É de interesse do sistema dominante vigente, o capitalismo, sucatear o ensino dado à população oprimida pois, acima de qualquer fator, a desinformação é a maior arma dos opressores. A exemplo disso, tem-se a dissolução da UNE (União Nacional dos Estudantes), que passou a funcionar na ilegalidade, no princípio da Ditadura Militar de 1964, pois, atacar a organização de luta estudantil é atacar diretamente a promoção da educação de forma pública, gratuita, de qualidade e para todos. No livro “A república”, Platão expõem a alegoria do Mito da Caverna, em que pessoas estão presas numa caverna desde a infância e amarradas contra a parede, sem conseguirem ver o que se passa no mundo exterior e se vislumbrando apenas de sombras projetadas na parede. Nesse sentido, é necessário perceber que a sociedade se encontra presa ao mesmo tipo de caverna, na medida em que a maior parte dos oprimidos não têm consciência do seu próprio sofrimento.

Como diz Silvio Almeida (2018), o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. No entanto, o que significa normal, quer dizer, ele naturalmente deve existir? Não, o racismo é uma construção social criada pelas classes dominantes, servindo como uma tecnologia de poder. O sistema capitalista preza por uma acumulação infinita de capital e, obviamente, para enriquecer é necessário aplicar a exploração no contexto humano. Dessa forma, foi necessário à uma parte da população encontrar meios para se afirmar e se concretizar superior, assim nascendo o racismo, que acredita que pessoas de pele mais clara são superiores a pessoas de pele mais escura.

O sistema educacional brasileiro, continuamente, oprime tentativas de fazer da educação a libertação, como ocorreu com o educador Paulo Freire na Ditadura Militar de 1964 no Brasil. Enquanto a história que estiver nos livros e nos discursos dos educadores forem escritas e contadas por aqueles que compõem e defendem a classe dominante, a educação não será libertadora. Quando o ensino é feito de

forma acrítica e supostamente neutra, o lado da história que está ganhando é quem se beneficia. Contudo, como afirma bell hooks (1994), não tem como haver uma educação neutra pois, até o fato de não se posicionar já é uma escolha. Por trás da figura do educador, existe uma pessoa com sua origem, vivência, cultura, luta, corpo e mente. Dessa forma, não passar emoções ou não compartilhar experiências com os estudantes são formas de silenciar todo o conjunto citado. Nesse sentido, contar com o “eu” no processo de ensino-aprendizagem é se posicionar não apenas como objeto, mas também como sujeito vivente no mundo. Ou seja, o ensino que considera os envolvidos no processo de compartilhamento de conhecimento como sujeitos com corpos e histórias os situa no contexto de opressão e os engaja a usar o que foi aprendido para exercer a práxis, tal qual não é desejada pelos grupos dominantes. Nesse sentido, bell hooks usa a si própria como exemplo do que é ser uma educadora que possui um corpo e histórias que não devem ser apagadas por uma ilusória neutralidade. Tal posicionamento fica claro na citação:

Uma das coisas que eu estava dizendo é que, como mulher negra, sempre tive aguda consciência da presença do meu corpo nesses ambientes, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura existente por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas, se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma - porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com sua presença ou com sua dimensão física.

Ademais, a educação é um fator de extrema importância na luta antirracista e anticapitalista e deve ser o principal alicerce na transformação da sociedade. Nessa perspectiva, o ensino sobre a história do povo negro precisa ser mais do que apenas apresentado em sala de aula, pois não existe meio termo entre ser racista ou antirracista, como diz a socióloga Sabrina Fernandes, no seu livro “Se quiser mudar o mundo” (2020).

Com base nas respostas dos entrevistados, estes veem o letramento antirracista como possível, por meio, por exemplo, do uso de matérias de humanidades. Entretanto, as opressões sociais não afetam somente os estudos sobre como a sociedade se comporta, como nas matérias escolares de História, Filosofia e Sociologia. Por essa lógica, é necessário promover discussões sobre raça, classe e gênero também nas matérias de exatas, logo que quando se toma conta de um conhecimento é necessário também questionar suas origens e condições para que fossem constituídos da maneira que existem hoje. Ou seja, por exemplo, se um conhecimento sobre biologia atualmente é expresso através de obras feitas por homens, o que tornou isso possível? Será que na época da publicação dessa obra ser mulher e ser cientista era algo possível e bem visto?

Nesta categoria põe-se a refletir a problemática estrutural do racismo, como as opressões, o ódio racial e as ferramentas raciais, assim como, a forma que a tecnologia de poder estar entranhado nas instituições e nas relações sociais.

## **RACISMO ESTRUTURAL**

*O que você entende por racismo estrutural? Quando você acha que surgiu o racismo no Brasil?*

João Pedro - O racismo estrutural é o racismo já enraizado na história da nação, repassado de geração em geração por dentro as estruturas sociais, por meio da cultura, da visão de mundo, e de ideologias racistas que são incutidas na sociedade, sem muitos sequer saberem que isso acontece. Mas fato é que o racismo estrutural é a mistura de toda a exploração e crueldade que contribuiu para a construção de um país desigual, ausente de oportunidades para negros, nativos e muitas outras etnias, e que limita a condição de vida dessas pessoas, prejudicando-as, torturando-as socialmente. Desde o momento em que o europeu pisou no Brasil, desde o momento em que se pôs o primeiro olhar colonizador sobre esta terra, o racismo passou a existir, e desde aquele momento foi se estruturando através de processos cruéis, escravidão, colonização, discriminação, exploração, e muito mais.

Carolina de Jesus - Entendo o racismo estrutural como a forma que sociedade brasileira está organizada, o que proporciona privilégios às pessoas brancas, em prol da discriminação das outras raças, sendo estrutural, esse racismo está nas nossas instituições sociais, bem como em cada indivíduo, mesmo que inconscientemente. Eu creio que o racismo no Brasil pode ser datado desde a época da colonização, com o processo de escravização de pessoas diferentes do grupo autodeclarado superior, e se estruturou mesmo após decretado o fim da escravidão, proibindo pessoas pretas de irem à escola, de promover sua cultura, e com tentativas de apagar e silenciar a negritude

Marielle Franco - Racismo estrutural trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, o preconceito racial. No Brasil o racismo tem raízes na escravidão, que foi a "anulação dos valores da cultura negra", feita pelos colonizadores.

### **TRADUÇÃO DO PESQUISADOR**

Racismo Estrutural é um assunto bem recorrente nas redes sociais, na atualidade. Mas, são poucos aqueles que reconhecem seu significado, e além disso sabem sobre sua história. Por isso, lembre-se sempre que a falta de conhecimento perpetua atos racistas. Inicialmente, o que seria o Racismo Estrutural?

Você já deve ter ouvido falar que o racismo é uma doença, que somente pessoas más adotariam práticas racistas, dentre outras características individualistas. Porém, o racismo existe na verdade "em decorrência da própria estrutura social" nas palavras de Silvio Almeida, no ano de 2018, presente nos nossos discursos, nos nossos vocabulários e nas ações individuais e coletivas da sociedade como um todo. Muito mais do que a ação de indivíduos com motivações pessoais, o racismo está infiltrado nas instituições e na cultura, gerando condições deficitárias a priori para boa parte da população, sendo reproduzido, também, em palavras ou termos que usamos no dia a dia, em que muitas vezes podem – ainda que não tenhamos essa intenção – reiterar discursos preconceituosos ou racistas. A questão toda está na origem das expressões, e no valor histórico que elas carregam. Desse modo, não há como discutir sobre antirracismo, sem moldar o vocabulário, visto que a perpetuação de expressões racistas através dos séculos diz muito sobre o

preconceito racial praticado no Brasil. Estas expressões representam a manutenção do racismo na nossa sociedade e, assim, garantem a perpetuação das violências. Em uma segunda análise, como surgiu o Racismo Estrutural?

Nasceu após a abolição da escravatura, quando mais de 1,5 milhões de negros foram "jogados" na sociedade sem nenhum apoio governamental ou algo similar. Em busca de emprego, os ex-escravizados sempre eram rejeitados, por conta do estigma de serem "vagabundos e preguiçosos". Excluídos da sociedade, marginalizados e sem emprego, muitos acabavam morando em cortiços, locais de moradia muito precárias. Desses cortiços se originaram favelas. Suponhamos que o seu professor(a) de História falou, em algum momento, que o governo tentou "embranquecer" a população. Essa ação governamental contribuiu para o racismo estrutural, na tentativa de eliminar, de vez, os negros do país.

Desde o tráfico forçado de pessoas negras do continente africano para as Américas, práticas de desumanização e genocídio da população negra têm sido normatizadas, se repercutindo em processos de desigualdades e discriminações, deixando as pessoas negras a margem da aristocracia, com oportunidades desiguais entre negros e brancos.

De acordo com Alessandra Devulsky, no ano de 2021, "No período da escravidão no Brasil, foi preciso um motivo forte e convincente de que determinadas pessoas nascem para escravizar outras, que, por sua vez, "nasceram destinadas a estarem em lugar de subalternidade". Hoje, não há escravidão institucionalizada, mas há hierarquias 'racializantes' dentro de uma política neoliberal, que se baseia na superexploração do trabalhador, e de agrado com um gradiente racial, o colorismo - classificação das pessoas negras a partir do tom de pele - continua preservando um campo de privilégios para pessoas brancas. Não é algo que a comunidade negra interioriza, como um complexo de identidade. É uma ideologia criada pela supremacia branca para continuar com seus privilégios."

Logo, a marca histórica do pacto colonial e a herança dos privilégios de branquitude é imensa e reforça o que os séculos e séculos de escravidão deixaram no nosso povo.

Dessa maneira, conclui-se que, "no capitalismo, tudo é produto. Igualdade de gênero vira branding, feminismo vira Girl Power, Black Lives Matter é marketing positivo. Na prática? Desigualdade estrutural latente."

Na categoria de Interseccionalidade se reflete como a classe, raça e gênero se interligam no indivíduo como mecanismos de poder do capital, de promoção da desigualdade e do sofrimento social e psíquico.

## **INTERSECCIONALIDADE**

*Você tem dimensão de como o racismo se manifesta no alto sertão da Paraíba?*

*Comente.*

Marielle Franco - Não sei sobre essa manifestação na Paraíba, mas na zona rural no Ceará em que eu passei toda a minha vida o racismo é apresentado principalmente em pequenas falas do cotidiano, ao invés de agressões físicas diretas. É o menino que mesmo sendo retinto não é negro, é só moreno; a típica fala dos "cabelos ruins", ao invés de crespos; as piadas de sexualização com o amigo negro.

Carolina de Jesus - Na verdade, quando pesquiso sobre esse conteúdo, dificilmente encontro algo específico sobre o sertão, mas acho que, além da própria xenofobia sofrida por quem é sertanejo e os problemas socioeconômicos, a questão racial só aumenta as barreiras enfrentadas.

*Você acha que a luta dos homens negros é a mesma das mulheres negras? Fale sobre.*

Dandara - Não. Apesar de todas as pessoas negras terem lutas semelhantes, as opressões para cada um são diferentes. Por exemplo, tanto homens quanto mulheres negras podem e são oprimidos por mulheres brancas, mas mulheres negras são além disso oprimidas por homens (brancos e negros) também. Isso não quer dizer que devemos separar as lutas por gênero de forma tão simplista, mas é preciso reconhecer tais diferenças para que haja a mudança.

Ágatha Félix - Não. Além do racismo, as mulheres negras enfrentam o machismo, como ambos são estruturais, o feminismo negro se mostra essencial na luta contra essa dupla discriminação.

Lélia Gonzalez- Não. A luta das mulheres negras é duplamente árdua. Ser negro num mundo racista requer muita força, garra e resistência, mas ser mulher tão quanto requer tamanha força, garra e resistência. A figura da mulher ao longo da história passou por processos terríveis de banalização, sexualização, discriminação, exploração, desvalorização e muito mais. As estruturas sociais não favorecem negros, mas também não favorecem mulheres. Ser mulher negra é assumir ambas as lutas, é lutar contra ambas as estruturas, é sangrar e vencer em dobro. Por isso, a luta de mulheres negras é mais complexa e suada do que de homens negros, mas uma luta não anula a outra.

## **TRADUÇÃO DO PESQUISADOR**

O conceito de interseccionalidade surgiu em 1989 elaborado por Kimberlé Crenshaw, professora de direito de uma universidade dos Estados Unidos que leu a história de Emma DeGraffenreid, afro-americana que acusou uma fábrica de automóveis por não a contratar, caracterizando-se como um crime de discriminação de raça e gênero. Contudo, mesmo diante da injustiça, teve sua petição ignorada, pois o tribunal desassociou os casos entre machismo e racismo e, uma vez separados, não houve material suficiente para o processo. A partir daí, iniciou-se várias pesquisas da Crenshaw que mapeavam as mulheres negras das classes desfavorecidas nos Estados Unidos, mostrando que o racismo e o gênero estão entrelaçados.

Desse modo, surge o conceito de interseccionalidade o qual afirma que não

é possível fragmentar caracteres dos indivíduos, como: a orientação sexual, regionalidade, classe social, fatores que, quando não são levados em pauta, geram injustiças.

Ademais, a ideia empíria de generalizar problemas sociais contrapõem a interseccionalidade, pois, mesmo que alguns indivíduos possuam objetivos em comum, é necessário respeitar a alteridade dos cidadãos, visto que cada ser possui experiências distintas. Sendo assim, o desconhecimento da interseccionalidade tem, como consequência, a exclusão de indivíduos, até mesmo dentro de um movimento social, a exemplo do feminismo o qual falha em contemplar as mulheres negras, pois reproduz o racismo.

Nesse contexto, é válido destacar a autora Angela Davis que, na sua obra “Mulheres, raça e classe[1]” (1981), mostra como a mulher negra não é contemplada na luta feminista, pois o lugar que a figura feminina preta ocupa, por causa do machismo e do racismo, é um local marginalizado. Por esse motivo, Angela Davis afirma que a mulher negra possui caráter revolucionário, já que ela enxerga a sociedade de forma profunda, visto que ela precisa entender a estrutura social para que seja possível se entender. Além disso, suas conquistas não são individualistas, na verdade, são vitórias para as mulheres e para as classes desfavorecidas, pois os locais ocupados pelas mulheres pretas, em sua maioria, são as camadas pobres da população, os trabalhos desvalorizados e desfavorecidos, como as atividades domésticas e, por isso, a autora também discute a naturalização, não questionada, da presença da mulher negra nesse espaço.

De maneira similar, o movimento negro errava, na década de 80, por retratar apenas experiências do homem negro, configurando-se como um ato machista[2]. Atualmente, o movimento negro passou por mudanças significativas em sua composição, de maneira que a mulher negra ocupa, hoje, seu espaço de reivindicações, tal conquista se deu a partir do reconhecimento da estereotipação da mulher negra. Nesse sentido, destaca-se a autora Carla Akotirene que, em sua obra “Interseccionalidade” (2018), discute a importância do pensamento interseccional para combater a xenofobia, a homofobia, o racismo, o machismo, práticas de controle e exclusão social que atingem, de forma direta, indivíduos que fogem da heterocisnormatividade. Tal posicionamento da autora fica claro na citação:

“A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade”.

No Brasil, a história colonialista firmou os preconceitos raciais e de gênero, de forma que se naturalizam as desigualdades entre brancos e pretos. O problema se deu, principalmente, quando leis silenciavam a discriminação e o ódio sofrido pelos negros. Mesmo após a abolição da escravidão, a população preta ainda é alvo de preconceito e de ausência de políticas públicas de Estado que deem oportunidades para que negros possam ter uma boa qualidade de vida. Além disso, a desigualdade

existente nas diferentes localidades se deu pelos êxodos rurais e urbanos, ocorridos ao longo da História Brasil. Nesse deslocamento, formaram-se as favelas que abrigavam, em sua maioria, pretos, isso acontece porque os negros não conseguiam oportunidades de emprego e melhores condições de vida, em decorrência do preconceito e discriminação existente nos diferentes espaços. Nesse sentido, a maioria dos alunos não possuem dimensão de como o racismo estrutural acontece nas regiões, tal ponto fica claro nas suas respostas ao declararem que esse assunto não é discutido na mídia como deveria ser.

Analisando os posicionamentos dos alunos quanto à interseccionalidade, é verídico que tal conceito não é discutido, de forma profunda, nas escolas públicas. Nesse sentido, mesmo alguns estudantes sabendo das injustiças sofridas pelas mulheres negras, não demonstram, em suas respostas, embasamento teórico sobre a relação de raça, gênero, classe e orientação sexual. Tal fato se concretiza pela ausência de nomes de estudiosas negras e de pessoas que foram assassinadas e injustiçadas no Brasil pela sua cor e gênero, isso mostra que crimes contra negros não são informados pelos jornais e redes sociais de maneira que o problema seja discutido, ou seja, a mídia também promove a naturalização das desigualdades entre brancos e pretos. Outrossim, é válido ressaltar o comentário de Lélia Gonzalez o qual afirma que “uma luta não anula a outra”. No movimento negro, existem particularidades entre mulheres e homens, as figuras femininas estão preocupadas não só em levar em pauta o racismo, mas também o machismo, o objetivo em comum entre os diferentes gêneros é combater o racismo. Ademais, a mulher negra ainda não é contemplada no feminismo, tal fato fica claro nesta citação de Carla Akotirene.

“Enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas, que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco.”

Desse modo, mesmo diante das diferenciações existentes entre os ativistas do movimento negro e do feminismo, a união, o respeito e o reconhecimento entre os diferentes sujeitos dentro das manifestações são essenciais para que se promova mudanças estruturais, uma vitória para a mulher negra também deve ser para a mulher branca e para o homem negro. Por isso, as lutas não podem se anular, é por meio do conhecimento da interseccionalidade que se promove a união e o respeito à individualidade de cada sujeito dentro dos movimentos sociais.

Na categoria de Superação do Racismo traça-se esboços e reflexões sobre o fim do racismo, de modo não a delimitar a linha que há de separar a sociedade racial da civilização substancialmente plena, mas de vislumbrar como os alunos compreendem a magnitude da questão racial.

## **SUPERAÇÃO DO RACISMO**

*Você já escutou algo sobre a luta antirracista? Comente.*



Zumbi - Sim, é um movimento de combate e oposição ao racismo, ao mesmo tempo que reivindica os direitos humanos das mais diversas etnias e busca romper com os parâmetros estruturais desiguais da sociedade. Tal luta vai muito além de combater atitudes racistas, ela pretende ir fundo nas estruturas histórico-sociais e honrar os povos tão prejudicados ao longo das eras. É sobre construir uma terra mais com equidade, respeito e oportunidades, sobre reconhecer a importância desses povos que hoje infelizmente sofrem com tamanho racismo estrutural e violento.

Carolina de Jesus - Sim. Eu a entendo como o combate ao racismo, não sendo uma luta entre negros e brancos, e sim o busca da garantia dos direitos das minorias. O movimento negro impulsionou mudanças essenciais na luta contra as desigualdades raciais, mas ainda falta muito para se estabelecer a efetiva igualdade racial, por isso a luta antirracista continua.

*O que você pensa sobre as cotas raciais e de renda nos processos seletivos?*

Luís Gama - Sou totalmente a favor. Existem muitas pessoas que nascem "muito atrás da linha de partida". Digamos que as oportunidades se iniciem numa dada linha. O racismo estrutural faz com que os prejudicados comecem muito atrás dessa linha, e portanto, passem por muito mais dificuldades e vivam uma vida bem mais difícil e ausente de oportunidade. Esse tipo de política de ação afirmativa serve justamente para aproximar tais pessoas de tal linha, compensar um pouco do prejuízo histórico e das estruturas desiguais. Não tira vaga de ninguém, não torna ninguém inferior a ninguém. Não é questão de intelectualidade, não é privilégio, não é injustiça para com os não contemplados, pelo contrário, é questão de justiça para os tantos que são auxiliados com tais políticas e conseguem atingir horizontes inimagináveis, inclusive provando que são capazes de feitos magníficos. Não existe meritocracia, não estamos todos no mesmo barco. Estamos todos no mesmo mar, uns em iates, outros jogados ao mar, violentados pelas fortes ondas das estruturas dominantes, logo, nada mais justo que tentar dar um bote salva vidas a essas pessoas.

Dandara - As cotas raciais surgiram para trazer uma maior equidade entre nossa população a partir do momento em que reconhecemos a existência da chamada dívida histórica: por mais de 300 anos as pessoas pretas e nativas de nosso país foram legalmente assassinadas e escravizadas, depois foram "soltas" sem nenhum tipo de apoio e são até hoje obrigadas a viver nas margens da sociedade, com poucas ou nenhuma oportunidade de emprego, educação e vida digna (sem falar nas pessoas obrigadas a recorrer ao crime apenas para serem encarceradas e mortas, como faz funcionar o genocídio negro e o embranquecimento do Brasil).

*Aponte ações, políticas ou atitudes que poderiam levar ao fim do racismo.*

George Floyd - Políticas de ações afirmativas, como as próprias cotas, contribuem muito para o combate ao racismo estrutural. Acredito que programas de assistência social e econômica para comunidades prejudicadas possam aos poucos ir melhorando a situação. Como as pessoas partem "de trás da linha de partida", é preciso colocá-las socialmente na mesma linha que as demais, e isso requer tempo e mudanças complexas. É preciso educar ao máximo as gerações para que aos poucos estas se desprendam de ideologias e costumes racistas, e é preciso formar cidadãos críticos e respeitosos. Portanto, educação é a chave, ao passo que os governos precisam reconhecer a existência do racismo e combatê-lo. Infelizmente, não sei muito bem como isso pode ser feito.



Ágatha Félix - Debates recorrentes e críticos, campanhas que visem o respeito a diversidade, não ficar calado ou rir de piadas racistas, fazer denúncias, procurar por dados, textos, livros que lhe ofereça esses conhecimentos, incentivos para a participação em movimentos-anti racistas e etc.

Tereza de Benguela - A procura para instigar esses debates em escolas é muito importante, também em casa ou em outros ambientes, sempre buscando esclarecer que determinadas ações não devem se repetir ou esclarecendo a importância da própria luta antirracista e da participação de todos nela.

### **TRADUÇÃO DO PESQUISADOR**

A história de constituição da nação brasileira é, dos primórdios aos dias de hoje, trágica; da escravidão restou resquícios, ferramentas, ou melhor, tecnologias que são constitutivas, modernizadas ou arcaicas, de dominação sobre os corpos pretos que tem em sua base o processo colonial. E que, sob tal conjuntura, a contemporaneidade se desdobra no paradoxo político de proclamar democracia em um terreno que ainda convive com as mazelas sociais construídas na escravatura e negligenciadas pelo Estado-Nação, que funda a unidade nacional com o racismo e não apesar dele, como afirma Silvio de Almeida no livro *Racismo Estrutural* (2019). Sendo assim, tal contradição política não é necessariamente um absurdo, visto que é imperioso nas relações sociais da ordem capitalista o conflito de classes, no qual a lógica do capital e a ideologia burguesa concretizam seus interesses nas instituições, na opinião pública e na estrutura de relações sociais. De tal modo que constroem a figura “universal”, que “não tem identidade e não tem raça”, configuram o imaginário de “normalidade” ao passo que estereotipam a população negra como inferior, menosprezando sua cultura e existência. É o que Frantz Fanon (1952) traz em *“Pele Negra, Máscaras Brancas”* quando diz que tanto o “ser branco” quanto o “ser negro” são construções sociais, sendo o negro produto do racismo, sobredeterminado pelo exterior. A criação do racismo como tecnologia de poder permite à ordem a legitimação de políticas de segregação, encarceramento em massa, exclusão social e superexploração do trabalho. Soma-se a isso, e de forma que não paralela, mas dialética, as opressões subjetivas, de controle da identidade negra, do apagamento da ancestralidade do povo preto, das normas de beleza e aceitação social que configuram o imaginário social do “normal”, do “belo” e do “legítimo” criado pela ideologia dominante.

Os relatos dos alunos são frutos de resistência, de uma educação que visa a conscientização das consequências de uma escravatura que não só deixou feridas, mas vive a se restaurar e modernizar na atual conjuntura. No entanto, nem os alunos, nem a instituição escolar estão livres e imunizados das normas políticas da ordem, que carregam interesses de classe, de raça e gênero. Os alunos são, então, frutos desse conflito, que tem raiz em um modelo de educação colonizadora dos corpos, mentes e dos conhecimentos, de um ensino que compele à cidadania ao mesmo tempo em que a instituição é uma correia de transmissão do racismo, em que reproduz a desigualdade que impera a sociedade brasileira, e é atravessada pela ideologia dominante que confunde o plano concreto do real. Nesse sentido, torna-se interessantíssimo a análise dessa confluência dos relatos dos alunos, que

quando não reproduzem o senso comum e a norma vigente, dão piques de elevada consciência de classe/raça.

Ao falar de luta antirracista os alunos compreendem a necessidade urgente de seu exercício. Percebem a dimensão estrutural do racismo e que o confronto a tal barbaridade precisa ser articulado a um horizonte maior, que vá além do combate às atitudes racistas, como próprio consta no relato “tal luta pretende ir fundo nas estruturas histórico-sociais e honrar os povos tão prejudicados ao longo das eras”. Ao que se encaminham, os discursos estima o que, em elevada análise conjuntural, fez Florestan Fernandes (1989, p. 48) ao olhar para o desafio da luta antirracista:

A sociedade que precisa ser transformada é uma sociedade de classes, que absorveu funções racistas e discriminatórias que já poderiam ter sido eliminadas historicamente. O negro precisa organizar o seu protesto nessa escala, para combinar todo o potencial racial do protesto negro ao conteúdo de classe que ele precisa adquirir para que se torne revolucionário numa amplitude universal, irmanando e unindo todos os que são vitimados pela hegemonia de privilégios arcaicos ou modernos, de origem colonial ou recente.

No mesmo horizonte político se desenha o debate sobre a efetividade e os limites das cotas raciais, até onde vai sua capacidade de mudança ou transformação social do negro dentro da fronteira da ordem capitalista. Põe-se a pensar, então, o papel do negro enquanto práxis política, figurando na luta não apenas personagens de pele negra, mas consciência negra, dessa que emana dos anseios por emancipação.

“O negro deve estar preparado para a tarefa política de catalisar a revolução democrática acima de todas as contingências, não só para que a democracia racial se converta em realidade, mas, ainda, para que a democracia seja a expressão da força revolucionária de todos os deserdados da terra”. (FERNANDES, 1989, p. 49)

Ou seja, para Florestan, a fim de que o padrão de civilização em que vivemos alcance a transformação de fato faz-se necessário que o negro perceba sua relação com o mundo concreto, com as diversas determinações que atravessa sua realidade, dentre as quais se entrelaçam as particularidades também. Entende-se como particularidade, por exemplo, o ódio racial, que é, para o sociólogo Oliver Cox (1948, p. 537), o “suporte natural” da exploração capitalista. Nesse raciocínio, não faz sentido, nem para os pensadores, nem para os alunos, que as cotas raciais sejam suficientes para uma verdadeira transformação substancial da sociedade. A exploração capitalista ganha formas modernas, e a mudança na superfície, seja ela cultural ou emocional, não há de transformar a intencionalidade operante da ordem capitalista. Pois como mesmo diz o sociólogo Octavio Ianni (2004, p. 16): “Em vez de enfrentarmos o problema na raiz – melhorando as condições sociais de brancos e negros de diferentes níveis sociais – se estabelece a cota. Não se mexe na ordem social que é uma fábrica de preconceitos, mas somente num nível restrito, que é o nível do acesso a certos espaços”.

Quando toca na questão de superação do racismo, há, como toda pergunta complexa, primeiro o espanto e depois a dúvida. Aqui não é diferente, os alunos compartilham da insegurança de responder com alternativas ao grande problema sócio-racial que assola e organiza a sociedade brasileira. No meio dessa insegurança, que é normal, há a descrença de uns de que o racismo possa ser derrotado e há as medidas de reformas que outros colocam como sendo necessárias para a conquista de direitos sociais. Educação, cotas e atitudes individuais são comuns nos discursos deles, o que nos faz perceber como a ideologia dominante além de imprimir a desigualdade social e o ódio racial, garante, nas instituições e no imaginário social, que essa unidade nacional permaneça como tal, não havendo espaço para objeções radicais ao sistema capitalista.

No entanto, a esperança surge do próprio sofrimento, é preciso que esse sentimento comum que permeia os negros, as mulheres, os índios e toda a classe operária, seja o combustível que incendeia o motor revolucionário, na qual as particularidades da classe, da raça e do gênero sejam, generosamente, parte constituinte da luta do povo. Pois, como diz Florestan Fernandes (1989, p. 60):

De um lado, é imperativo que a classe defina a sua órbita, tendo em vista a composição multirracial das populações em que são recrutados os trabalhadores. Todos os trabalhadores possuem as mesmas exigências diante do capital. Todavia, há um acréscimo: existem trabalhadores que possuem exigências diferenciais, e é imperativo que encontrem espaço dentro das reivindicações de classe e das lutas de classes. Indo além, em uma sociedade multirracial, na qual a morfologia da sociedade de classes ainda não fundiu todas as diferenças existentes entre os trabalhadores, a raça também é um fator revolucionário específico. Por isso, existem duas polaridades, que não se contrapõem, mas se interpenetram como elementos explosivos - a classe e a raça.

Continua Florestan (1989, p. 62), “a classe é, para o proletário, a formação social que organiza o seu confronto com a ordem. O essencial não é o “melhorismo”, a “reforma capitalista do capitalismo”. Mas, a eliminação da classe, do regime de classes e da sociedade organizada em classes”.

É nessa perspectiva que deve caminhar a luta pela superação do racismo, na qual, sem antes superar a mercantilização das relações sociais mediadas pelo capital não será possível, substancialmente, democratização sócio-racial nenhuma.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Sílvio Luís de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Apresentação**. Dossiê: Marxismo e Questão Racial. Revista Margem Esquerda n. 27. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDERSON, Kevin B. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. Tradução Allan M. Hillani, Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2019.

CANDAU, Vera. **Somos todos/as iguais? Escola, discriminação e educação e direitos humanos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Entrevista**. Realizada por Ivana Jinkings e Thaisa Burani. Dossiê: Marxismo e Questão Racial. Revista Margem Esquerda n. 27. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **A Dor da Cor**, 2002. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-dor-da-cor/>>. Acesso em: 28 de out. de 2021

CARVALHO, José Jorge de Carvalho. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: MALDONADO-TORRES, Nelson (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Negra e Identidades).

COX, Oliver. **Caste, Class and Race: a Study of Social Dynamics**. Nova York; Londres: Modern Reader Paperbacks, 1970.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEBAN, Mari Luz. **Antropología encarnada: antropologia desde uma mesma**. Papeles del CEIC. Argentina, 2004.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FLORESTAN, Fernandes. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. — (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 33)

GERALDO, Nathália. Alessandra Devulsky: "**Colorismo preserva privilégios de pessoas brancas**". Universa Uol, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/04/23/alessandra-devulsky-colorismo-preserva-privilegios-de-pessoas-brancas.htm>>. Acesso em: 15, 09 de 2021.

GUIMARÃES, Antônio. **Como trabalhar com "raça" em sociologia. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcello Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IANNI, Octavio. **O preconceito racial**. Estudos Avançados: Local, 2004.

KILOMBA, Grada. **Memórias Da Plantação: Episódios De Racismo Quotidiano**. Ed. Cobogo, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Negra e Identidades).

MANOEL, Jones (Org.). **Revolução Africana – Uma antologia do pensamento marxista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MECW, v. 9. P. 211 [ ed. Bras.: **Karl Marx, Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro**, 2 ed. , São Paulo: Expressão Popular, 2010].

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **As facetas de um racismo silenciado**. São Paulo: Edusp, 1996.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidade/racionalidade**. Perú indígena, n.29, p. 11-20, 1991.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3 ed. V. 4. São Paulo: Cortez, 2010.